

DOSSIÊ ESTUDOS ECONÔMICOS DAS ORGANIZAÇÕES, UMA APRESENTAÇÃO

Rômulo Carvalho Cristaldo¹
Elcemir Paço Cunha²

NOTAS PARA UMA PRIMEIRA APROXIMAÇÃO

Esse breve ensaio foi elaborado com o objetivo de apresentar o *Dossiê Estudos Econômicos das Organizações* acolhido pela Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. A premissa que animou o preparo desse número especial foi a de que, no campo dos estudos organizacionais, tem se formado uma massa crítica de investigação acerca de como organização, no contexto das sociedades contemporâneas, expressa um rol de dinâmicas econômicas. O signo organização pode ser abordado tanto com uma ação, concernente ao significante do verbo organizar, quanto como um sujeito concreto, redundando ao coletivo de estruturação do trabalho para produção e distribuição de valor e instituições auxiliares em âmbito político, jurídico e ideológico. Ou seja, assume-se que o substrato concreto do processo social que se impõe central e dominante no tempo

¹ Doutor em Administração (Universidade Federal da Bahia, Brasil). Professor Adjunto da Universidade Federal da Grande Dourados. <http://lattes.cnpq.br/6792659998157485>. <https://orcid.org/0000-0001-6073-6413>. romulocristaldo@gmail.com. Endereço para correspondência: Universidade Federal da Grande Dourados, Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia. Rod. Dourados, Itanhum, s/n, Cidade Universitária, Dourados, MS, Brasil. CEP: 79804-970, Caixa-postal: 364. Telefone: (55 67) 34102040.

² Doutor em Administração (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil). Professor Associado da Universidade Federal de Juiz de Fora. <http://lattes.cnpq.br/8165092346693284>. <https://orcid.org/0000-0002-1978-0110>. paco.cunha@ufjf.br.

presente – *organização & organizar* (gestão) – seria o conjunto das relações materiais que tem por objetivo mediar.

O amplo campo dos estudos organizacionais congrega diferentes tipos de análise dessa dinâmica social, desde aquelas voltadas para processos, fatores e estruturas, até cooperação e integração social. Uma dessas perspectivas, ancorada nos desenvolvimentos da economia das organizações, tem desfrutado de audiência nacional e internacional por sua ênfase na estruturação e funcionamento das organizações num sentido amplo, sobretudo debruçadas sobre relações competitivas. Seria mesmo possível dizer que essa análise ocupa a posição central como *mainstream* nos estudos econômicos das organizações, qual sejam os estudos sobre a estratégia empresarial e corporativa.

Entretanto, a relação entre “economia” e “organizações” é bem mais ampla do que comportam as teorias mais frequentadas e suas questões orientadoras, a exemplo, seguindo Barney & Hesterly (1996), da teoria dos custos de transação (por que existem organizações?), da teoria da agência (como as organizações devem ser administradas?), da teoria da gestão estratégica (por que algumas organizações superam outras?) e da teoria da cooperação organizacional (como as organizações podem cooperar?). Ao fundo, encontra-se com frequência uma espécie de admissão (ontológica) da natureza jurídica das organizações (Lawson, 2019, p. 85-124) e a operacionalização performática como critério científico, como aludem as questões orientadoras acima.

Direta ou indiretamente, tais teorias possuem ascendências à chamada escola neoclássica a qual recebeu historicamente considerável escrutínio a respeito de suas limitações fundamentais, para citar algumas, em termos de irrealismo de seus modelos principais, de ausência do reconhecimento das contradições sociais, de tributos pagos por sua aderência ao positivismo/neopositivismo e de capitulação diante dos interesses econômicos. Esse escrutínio adveio de fontes diferentes ao

longo dos últimos cem anos, pelo menos; pode-se aqui, por conseguinte, indicar sumariamente algumas delas.

A crítica da economia política (na figura geral de uma assim chamada “economia marxista”) nunca deixou de insistir nas contradições e relações classistas do processo de acumulação do capital como eixo básico da análise das empresas e do Estado. A partir disso, podemos delimitar uma economia política das organizações interessada nesse tipo de análise e em seus desdobramentos (Clegg & Dunkerley, 1980; Türk, 1999; Marens, 2009; Vidal, Adler & Delbridge, 2015; Paço Cunha & Guedes, 2021), incluindo a análise organizacional a partir da observação dos vínculos estruturais entre organizações, economia e política nas figuras da administração política (Cristaldo, 2021) e da economia política do poder (Faria, 2017).

A economia institucional, pelos menos desde Veblen e Commons, teve parte de seu arranque histórico na crítica ao irrealismo da escola neoclássica, cujos modelos estáticos desde sua gênese não se mostravam desde capazes de refletir a dinâmica econômica, o papel regulador das instituições ou as condições intrínsecas das crises sistêmicas que ensejavam. Isso abriu um veio de desenvolvimento ao institucionalismo em diferentes ramificações e com amplas repercussões nos estudos organizacionais (Tolbert & Zucker, 1996; Machado-da-Silva & Gonçalves, 1999; Scott, 2014; Rossoni, 2016).

O ramo que se convencionou chamar de sociologia econômica, não sem conexões com as tendências anteriores, promoveu certo alargamento da economia considerada *mainstream* a partir da “aplicação de esquemas de referência, variáveis e modelos explanatórios da sociologia ao complexo de atividades as quais estão implicadas com a produção, distribuição, trocas e consumo de produtos e serviços escassos” (Smelser & Swedberg, 2005, p. 3). As limitações reconhecidas do agente maximizador de resultados que permeia a escola

neoclássica encontraram na sociologia econômica a atenção sobre outros modos de racionalidade que matizam a vida social e permeiam, portanto, a dinâmica das organizações. Essa sociologia econômica obteve igualmente considerável profusão no país (Moreira & Goia, 2017; Santos, Serafim & Pinheiro, 2020).

Essas indicações apontam para pelo menos duas questões fundamentais no que tange a compreensão das dinâmicas sócio-históricas da relação entre organizações e economia. A primeira, já aludida, é que a escola neoclássica é consideravelmente estreita para as ambições científicas que se encontram na relação entre “economia” e “organizações”. Assim também são aquelas teorias no campo da economia das organizações, cuja ascendência remonta à escola neoclássica. A segunda questão fundamental está no reconhecimento do fator econômico como uma espécie de base racional explicativa para o fenômeno organizacional. Não é um privilégio da economia marxista esse reconhecimento, permeando, de uma forma ou de outra, as demais tendências aludidas. E isso se agrava em razão das condições hodiernas sob edição das recorrentes crises econômicas que estão no cerne das inflexões sociais correntes que fomentam desigualdades sociais e simultaneamente ideologias reacionárias, além das ameaças climáticas decorrentes do atual padrão produtivo global, genericamente denominado capitalismo, sem adversário à altura até o momento.

O objetivo da presente chamada especial foi o de colocar em diálogo e promover o debate entre perspectivas de análise organizacional que, igualmente fundamentadas em base econômica e macrogerencial, tivessem o papel de estabelecer parâmetros reflexivo-críticos acerca das organizações e das teorias mais visitadas no campo. Nesse sentido, ao reunir diferentes estudos econômicos das organizações, pôde-se ensejar um panorama, ainda que modesto, para a representação da economia política que se debruça sobre a problemática de como as sociedades contemporâneas estruturam as relações em espaços subjetivo-objetivos que materializam as dinâmicas de divisão social e técnica do trabalho.

POR UMA ECONOMIA POLÍTICA (CRÍTICA) DAS ORGANIZAÇÕES

Na medida em que se constata uma ubiquidade da organização (verbo ou substantivo) na mediação das relações sociais contemporâneas – da empresa ao Estado, do partido à igreja, da horda à concertação social – torna-se quase um truísmo defender o enraizamento de suas dinâmicas nos âmbitos da economia e da política. Por um lado, cumpre notar que a sociedade emersa do (encrustada no? embebida por um?) modo de produção capitalista, em última instância, redonda seus processos e dinâmicas ao circuito do capital (Marx, 1983). Não se ignora as reciprocidades entre a estrutura econômica, a superestrutura ideológica e as formas sociais de consciência, reciprocidades cujo movimento expressa a complexa relação entre reprodução e transformação social.

Ao mesmo tempo em que o traçado dos estudos econômicos das organizações sejam, desde a origem, dedicados a um processo econômico por excelência, o vaticínio marxiano da improbabilidade de uma economia política ela mesmo científica (haja vista, por origem, *produto* e *ator* da luta de classes) parece se realizar constantemente na profusão de teorias organizacionais que resistem em reconhecer, quando não procuram negar peremptoriamente, sua raiz material. Não surpreende observar que o debate propriamente econômico da organização seja entregue pela teoria (neoclássica) da firma e suas derivações, como na nova economia institucional (NEI), economia evolucionária de inspiração neoschumpeteriana e teoria francesa das convenções, para citar alguns exemplos. Em comum, essas visões *mainstream* guardam compromisso funcional com a ordem da empresa capitalista, direcionando sua atenção majoritariamente para o esforço performático, de ajuste marginal com o objetivo de incremento de eficiência. Até mesmo quando o debate chega em instâncias de trabalho coletivo cujas naturezas são distintas, por exemplo, às estruturas que compõem a rede organizacional a qual assume o papel de Estado, aparece como um rol de técnicas de ajuste dos usos de recursos, com pretensões de neutralidade axiológica e

universalidade. Não é acaso que os imprecisos conceitos-chave *du métier* – eficiência, empreendedorismo, proatividade, governança, choque de gestão e assim por diante – emergem imiscuídos nos mais variados discursos de autoridade, ao mesmo tempo inócuos e devastadores, como evidências de continuidade, sinais de entrelaçamento do privado ao público e vice-versa.

A premissa da qual se parte aqui é a de que, num sentido amplo, o antídoto para o estranhamento quase caricatural dos estudos organizacionais com a base material e a natureza econômica das organizações dominantes do tempo presente é, precisamente, a exposição. Ou, dito de outro modo, por mais que se assemelhe ao óbvio, urge um tratamento direto e sistemático, de perspectiva crítico-reflexiva, acerca dos aspectos econômicos das organizações. A chave para enriquecimento do campo, capaz de colocar em evidência e oferecer alternativas às contradições (estruturais) e antonomias (simbólico-discursivas) das organizações, se encontraria ali nos (in)cômodos quase esquecidos do espaço da economia política das organizações (substantivo) e da organização (verbo).

Num sentido amplo, a economia política se firma como campo de investigação dedicado ao exame das relações e dinâmicas entre sistemas econômicos e estruturas políticas, com ênfase na maneira como instituições, atores e ideologias moldam, e são moldados, pelos processos de produção, distribuição e consumo de recursos (May *et al.*, 2024). Este campo transcende a análise puramente econômica, integrando teorias e metodologias provenientes da ciência política, sociologia, história, filosofia, entre outros campos das ciências sociais e aplicadas, para desvendar as forças subjacentes que engendram a articulação entre público e privado, formação de políticas públicas, distribuição de poder econômico e a legitimação das ordens sociais. Pode-se afirmar ainda que interessa aos estudos da economia política a análise das condições e implicações de processos internacionais (regimes, mundialização de capital, foros, rodadas de negociação, guerras etc.), transformações tecnológicas e crises, bem como seus impactos nas

estruturas de poder, desigualdades, vinculações sistêmicas, entre outros processos que permeiam as economias capitalistas.

Trazer esse entendimento ancorado em bases materiais para os estudos organizacionais não se trata, porém, de inserir as organizações naqueles contextos como atores monolíticos, ou meramente tecer um paralelo hermético para análise, *quod est inferius est sicut quod est superius*. De certa forma, organizações talvez até possam ser compreendidas como microssociedades, em analogia ou metáfora com os coletivos que lhe são externos, mas não sem se considerar contexto, história e entranhamento que as cerca, o que, portanto, relativiza a contribuição de tais procedimentos. Para além, considerando que organizações funcionam como mediações das relações e disputas em jogo no plano da coletividade (Cristaldo, 2022), embora se apresentem como uma pretensa ordem própria de processos sociais cujas nuances demandariam rol específico de aportes teóricos, categorias e procedimentos, em última instância sua forma aparente refletiria os modos capitalistas de produção e distribuição/concentração de valor.

Primeiro porque as nuances da divisão técnica do trabalho, quer gerencial (hierárquica) ou operacional (especializada), fazem surgir dinâmicas coletivas contraditórias típicas, entre adoecimento funcional, organização informal, cultura organizacional, gerencialismo, tecnoburocracia, entre outros (Faria, 2017). Ademais, em segundo lugar, dado que a instituição *organização*, bem como suas subcategorias (empresas, igrejas, ongs) e manifestações particulares, se integram socialmente em capacidades específicas e representando interesses próprios, em escalas e escopos até muitas vezes extraordinários; o que aparece, por exemplo, na observação da empresa transnacional como ator de relações internacionais e sujeito de direito internacional (Badié, 2019) e no peso e poder assumido pelos conglomerados financeiros de alcance global (Morin, 2015). Em terceiro lugar, ao se considerar como as práticas (e palavras de ordem) da gestão penetram e

pautam debates os mais diversos, no Estado e na vida civil, coletiva e individualmente (Klikauer, 2023).

No Brasil vem se firmando nos últimos anos uma tradição de análise crítica dentro dos estudos organizacionais que se pode compreender, sem embargo, como em grande parte aderente a uma economia política das organizações. De um lado, a perspectiva da “economia política do poder” (Faria, 2014, p. 90) enfatiza aqueles processos sociopolíticos *dentro* das organizações capitalistas, desde hegemonia à dominação, controle e convencimento, quer de natureza econômica, simbólica ou psicológica, entre outras dimensões, na relação entre e infra classes ali manifestas. Já o movimento da “administração política” (Paço Cunha, 2023, p. 1), por sua vez, trata de como o modo de produção se organiza macrossocialmente para viabilizar a reprodução das relações capitalistas na formação, apresamento e distribuição de valor (e mais-valor), conferindo destaque a temas como organização do Estado, desenvolvimento, concertação social, entre outros. Esses são apenas dois exemplos de uma ampla gama de estudos no âmbito da economia política das organizações no país, em diferentes perspectivas³.

Assim, a proposição do *Dossiê Estudos Econômicos das Organizações* procurou estabelecer pontes e diálogos no âmbito desse fecundo e vibrante campo de investigação, visando um panorama que refletisse os resultados e debates em

³ Uma crescente rede de pesquisadores tem emergido de diferentes instituições, estabelecendo uma fecunda tradição de análise crítica das organizações segundo seus aspectos econômicos e possíveis desdobramentos em outras dimensões de sociabilidade, para além dos espaços da ciência econômica tradicional. Nesse sentido, pode-se destacar a Rede Trama <<https://www.redetrama.org/>>, grupo de pesquisa com seções na UFMG e na UFRN, o qual tem o objetivo de proporcionar análise marxista das organizações capitalistas, agregando temas como imperialismo, feminismo, autogestão, organização do trabalho entre outros. Ainda, o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Organizações, Trabalho e Educação (GEPOTE) <<https://esan.ufms.br/2016/05/19/o-grupo-de-estudo-e-pesquisa-sobre-organizacoes-trabalho-e-educacao-gepote/>> na UFMS, que enfatiza os processos de dominação e exploração do agronegócio brasileiro, acerca do qual tem elaborado investigações a partir de perspectivas como institucionalismo, análise crítica de discurso, marxismo, bem como trabalhos propositivos pautados em autogestão, economia solidária e cooperativismo. Esses e outros esforços demonstram a reiterada atenção que tais questões tem recebido no âmbito dos Estudos Organizacionais no Brasil.

curso. Na seção seguinte, apresentam-se brevemente os trabalhos que compõem esse número especial.

OS TRABALHOS DESSE DOSSIÊ

O *Dossiê Estudos Econômicos das Organizações* carrega consigo uma especificidade do campo ao qual se propõe aderir: os artigos aqui reunidos passam por temas os mais diversos, como trabalho uberizado, sustentabilidade, formas alternativas de assalariamento, empreendedorismo, administração política, entre outros; por meio de métodos variados, como análise pecheutiana de discurso, estudos de redes, método histórico e assim por diante. Desde processos de trabalho à desenvolvimento econômico e social, fazem-se representar uma variada gama de interesses e procedimentos caros à *Economia Política das Organizações*, donde afloram convites para aprofundamentos teóricos, históricos e empíricos instigantes e urgentes.

De saída, o texto *Argumentos da Administração Política para uma Nova Teoria do Emprego, do Desenvolvimento e do Bem-Estar* de autoria do saudoso Professor Reginaldo Souza Santos, organizado em sua versão final por seu filho e também Professor Thiago Chagas Souza Santos e aqui publicado postumamente, se apresenta um ensaio, talvez a ser considerado longo e especulativo demais nessa era de compressão alienante do espaço-tempo acadêmico, mas rico em reflexões argutas, apontamentos preciosos e lições necessárias. Ali se toma como objetivo debater o problema do desemprego, cujas atualidade, urgência e centralidade não podem ser contornadas, quiçá ignoradas. Sem a pretensão de propor a substituição do modo de produção capitalista, a análise se centra na associação entre uma defesa do objetivo do bem-estar social e a perseguição de política distributiva *ex ante*, para a qual a administração política seria capaz de fornecer uma solução segundo suas categorias e especificidades.

Em dois artigos dentre os selecionados, discutem-se como dimensões estruturantes do capitalismo recente se manifestam em novas dinâmicas – sistêmicas, mas também organizacionais – para formação e realização de valor. O trabalho de Claudio Gurgel e Agatha Justen com título *A Terceira Geração do Neoliberalismo e a Exploração da Força de Trabalho no Brasil* avalia o projeto hegemônico neoliberal, o qual estaria entrando uma terceira fase de recrudescimento dos mecanismos de exploração e esgarçamento das formas tradicionais de organização do trabalho. Já em *Trabalho Uberizado, Controle e Valorização do Valor* de Martín Andrés M. Zamora e Fabio Bittencourt Meira se propõe a caracterizar o labor mediado por aplicativo por meio da teoria do processo de trabalho. Para tanto, associa a percepção e a voz de motoristas de aplicativo com categorias típicas da perspectiva marxista, para enfatizar como as dimensões articuladas de controle ali manifestas otimizam o apresamento de mais-valor. Ainda na seara das assim chamadas formas contemporâneas de exploração do trabalho, o texto de Eziel Gualberto de Oliveira e José Henrique de Faria com título *Novas Formalidades do Assalariamento no Trabalho por Conta Própria e na Pejotização da Força de Trabalho* enfatiza como as práticas de atribuição de registro formal como pessoa jurídica para profissionais ditos liberais redundam, de fato, em camadas adicionais de vulnerabilidade e opressão.

Três dos trabalhos incluídos no Dossiê se voltam para a análise de setores ou empresas específicas, em suas práticas, conflitos e contradições. Rossi Henrique Soares Chaves e Deise Luiza da Silva Ferraz elaboram uma reveladora narrativa de história econômica da empresa no texto *Trajetória do Capital no Setor de Seguros Brasileiro Nos Séculos XIX e XX: um dos Eixos da Acumulação Capitalista*. Em *Tensions and Dialectics in the Capitalist Embeddedness of an Industry Network: A Visual Network Analysis of Cooperation in the Dutch Paper Industry*, Martha E. Enrich emprega análise de redes para destacar como empresas da indústria holandesa de celulose costuram ações conjuntas, em diferentes dimensões, visando se fortalecer econômica a politicamente. Por fim, Paulo E.

Simões relata resultados de análise de discurso, tomando como objeto a maneira por meio da qual uma grande companhia brasileira de mineração redige seus comunicados oficiais e posicionamentos acerca de pretensas práticas de sustentabilidade, para indigitar suas contradições e subterfúgios, isso no artigo *Uma Análise Pêcheutiana do Funcionamento Discursivo da Sustentabilidade na Mineradora Multinacional Vale S/A*.

Convida-se, portanto, o leitor a ler e analisar os trabalhos reunidos nesse Dossiê, que foi preparado ao mesmo tempo como um relato e um exemplo de agenda, sobre as problemáticas materiais, econômicas em última instância, que envolvem a organização.

REFERÊNCIAS

Badie, Bertrand (2019). *New Perspectives on the International Order: no longer alone in this world*. Scham: Palgrave Macmillan.

Barney, Jay B & Hesterly, William (1996). Organizational economics: Understanding the relationship between organizations and economic analysis. In Stewart R. Clegg, Cynthia Hardy, & Wallter R. Nord (Eds.). *The SAGE Handbook of Organization Studies* (pp. 111-148). London: SAGE.

Clegg, Stewart & Dunkerley, David (1980). *Organization, class and control*. London: Routledge/Kegan Paul.

Cristaldo, Rômulo C. (2022). Sobre o campo de saber da administração: gestão, organizações e divisão do trabalho. *Revista Gestão & Conexões*, 11(1), 104-124.

Cristaldo, Rômulo C. (2021). Gestão do desenvolvimento e administração política. *Revista Internacional de Investigación en Ciencias Sociales*, 17(1), 143-157.

Faria, José H. (2017). *Poder, controle e gestão*. Curitiba: Juará.

Klikauer, Thomas (2023). *The Language of managerialism: organizational communication or an ideological tool?* Scham: Palgrave Macmillan.

Lawson, Tony (2019). *The nature of social reality: issues in social ontology*. New York: Routledge.

Machado-da-Silva, Clóvia & Gonçalves, Sandro A. (1999). Nota técnica: a teoria institucional. In Stewart R. Clegg, Cythia Hardy, & Wallter R. Nord (Orgs.). *Handbook de Estudos Organizacionais* (pp. 218-225). São Paulo: Atlas.

Marens, Richard (2009). It's not just for communists any more: Marxian political economy and organizational theory. In Paul Adler (Ed.). *The Oxford Handbook of Sociology and Organization Studies* (pp. 92-117). Oxford: Oxford University Press.

Marx, Karl (1983). *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural.

May, Christian, Mertens, Daniel, Nölke, Andreas, & Schedelik, Michael (2024). *Political economy: comparative, international, and historical perspectives*. Cham: Springer.

Moreira, Gustavo H., & Goia, Marisok R. (2017). A nova sociologia econômica em pesquisas de administração no Brasil. *Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia*, 10(3): 375-388.

Morin, François (2015). *L'hydre Mondiale: l'oligopole bancaire*. Paris: Lux.

Paço Cunha, Elcemir (2023). Administração política no itinerário intelectual de R. Santos (1980-1993). *Revista Brasileira de Administração Política*, 15(1), 1-45.

Paço Cunha, Elcemir & Guedes, Leandro T. (2021). Financiamento do capital fixo (1970-2012): dissolvendo o paradoxo aparente entre financeirização e autofinanciamento em contexto de queda da taxa de lucro. *Revista Brasileira de Estudos Organizacionais*, 8(1): 16-54.

Rossoni, Luciano (2016). O que é legitimidade organizacional? *Organizações & Sociedade*, 23(76), 110-129.

Santos, Lais S., Serafim, Mauricio C., & Pinheiro, Daniel M. (2020). Desafios à compreensão do comércio justo como modelo econômico viável: um olhar a partir da sociologia econômica para os estudos organizacionais. *Revista Reuna*, 25(1), 73-89.

Scott, William R. (2014). *Institutions and organizations: ideas, interests, and identities* (4th ed). London: Sage.

Smelser, Neil J. & Swedberg, Richard (2005). Introducing economic sociology. In Neil J. Smelser & Richard Swedberg (Eds.). *The Handbook of Economic Sociology* (2nd ed) (pp. 3-25). New Jersey: Princeton University Press.

Tolbert, Pamela S. & Zucker, Lynn G. (1996) The institutionalization of institutional theory. In Stewart R. Clegg, Cynthia Hardy, & Wallter R. Nord (Eds.). *The SAGE Handbook of Organization Studies* (pp. 175-190). London: SAGE.

Türk, Klaus (1999). The critique of the political economy of organization. *International Journal of Political Economy*, 29(3): 6-32.

Vidal, Matt, Adler, Paul S. & Delbridge, Rick (2015). When organization studies turns to societal problems: the contribution of marxist grand theory. *Organization Studies*, 36(4): 405-422.

DOSSIÊ ESTUDOS ECONÔMICOS DAS ORGANIZAÇÕES, UMA APRESENTAÇÃO

Resumo

Esse breve ensaio foi elaborado com o objetivo de apresentar o Dossiê Estudos Econômicos das Organizações acolhido pela Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade. O objeto aqui diz respeito às dinâmicas econômicas que subjazem às organizações. Parte-se da premissa de que, ao lado da tradição *mainstream* da estratégia empresarial, se faz presente e necessária um rol de arcabouços teóricos alternativos para tratar dessas dinâmicas desde uma (ou várias) perspectiva crítica. Infere-se, por via dedutivo-explicativa, de um lado tomando como base referências clássicas e contemporâneas da economia política das organizações, por outro lado a partir dos trabalhos reunidos no Dossiê, que tais questões vem atraindo cada vez mais atenção de especialistas, quer por sua importância, centralidade ou complexidade. Assim, chega-se a uma apresentação panorâmica dos trabalhos reunidos nesse número especial, com um convite para sua apreciação e debate.

Palavras-chave

Organizações. Gestão. Economia Política. Instituições.

DOSSIER ESTUDIOS ECONÓMICOS DE ORGANIZACIONES, UNA PRESENTACIÓN

Resúmen

Este ensayo fue desarrollado para presentar el Dossier Estudios Económicos de las Organizaciones, acogido por Farol – Revista de Estudios Organizacionales y Sociedad. El enfoque aquí se refiere a las dinámicas económicas que subyacen en las organizaciones. Se parte de la premisa de que, junto a la tradición predominante de la estrategia empresarial, es necesaria la presencia de un conjunto de marcos teóricos alternativos para abordar estas dinámicas desde una o varias perspectivas críticas. Se infiere, mediante un enfoque deductivo-explicativo – tanto a partir de referencias clásicas y contemporáneas en la economía política de las organizaciones como de los trabajos recopilados en el Dossier – que estas cuestiones están captando cada vez más la atención de los especialistas. En consecuencia, este ensayo ofrece una visión panorámica de los trabajos reunidos en este número especial, acompañado de una invitación para consideración y debate.

Palavras clave

Organización. Gestión. Economía Política. Instituciones.

DOSSIER ECONOMIC STUDIES OF ORGANIZATIONS, A PRESENTATION

Abstract

This brief essay was developed with the aim of presenting the Dossier on Economic Studies of Organizations, hosted by Farol – Journal of Organizational Studies and Society. The focus here concerns the economic dynamics underlying organizations. The premise is that, alongside the mainstream tradition of business strategy, there exists and is required a set of alternative theoretical frameworks to address these dynamics from one or more critical perspectives. It is inferred, through a deductive-explanatory approach – drawing on both classical and contemporary references in the political economy of organizations and the works compiled in the Dossier – that these issues are increasingly capturing the attention of scholars, whether due to their importance, centrality, or complexity. Consequently, this essay provides a panoramic overview of the works assembled in this special issue, accompanied by an invitation for their consideration and debate.

Keywords

Organization. Management. Political Economy. Institutions.

CONTRIBUIÇÃO

Rômulo Carvalho Cristaldo

O autor declara ter contribuição equânime nas fases de financiamento, concepção, teorização, coleta de dados, análise e conclusão.

Elcemir Paço Cunha

O autor declara ter contribuição equânime nas fases de financiamento, concepção, teorização, coleta de dados, análise e conclusão.

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Os autores declaram que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para esta contribuição.

AGRADECIMENTOS

-

COMO CITAR

Cristaldo, Rômulo C. & Cunha, Elcemir P. (2024). Dossiê estudos econômicos das organizações, uma apresentação. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 11(31), 482-498.